

# Pastoral

Ano XXXIII • Nº 327 • Fevereiro/Março de 2023

## Fraternidade e Fome



**“Dai-lhes  
vós mesmos  
de comer!”**

(Mt 14,16)

## O olhar da Igreja sobre a fome

Pela terceira vez, a Igreja no Brasil volta o seu olhar para a fome durante a Campanha da Fraternidade. Em sintonia, o Jornal Pastoral reflete sobre essa temática.

## Editorial

Prezado leitor, o Jornal Pastoral vem mais uma vez até você para deixá-lo cada vez mais informado e com a oportunidade de se formar nos temas mais pertinentes da atualidade. Que bom poder contar com sua delicadeza em valorizar e fazer com que nosso **Jornal Pastoral** tenha o seu valor assegurado. Trata-se de um Jornal pensado para você, cristão leigo e leiga, presbíteros e diáconos, para ser um suporte na vida pastoral de sua paróquia.

Esta edição está recheada de temas relevantes e muito atuais. Nossa jornalista, Thalia Gonçalves, e os vários colunistas capricharam para que essa edição fosse atrativa e de fácil compreensão. Por isso, vale a pena conferir!

A nossa matéria principal busca apresentar a todos vocês, de modo sucinto, a Campanha da Fraternidade 2023, que tem como tema “Fraternidade e Fome” e como lema “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16). Vale também ressaltar a situação de pobreza e miséria que se encontra nosso país, fazendo com que a reflexão proposta pela CF seja ainda mais pertinente. Para um aprofundamento maior sobre a Campanha da Fraternidade 2023, não podemos deixar de lado a leitura atenta do Texto-Base proposto pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A matéria apresentada nessa edição é somente uma apresentação sobre a temática.

Neste tempo marcado pela reflexão da sinodalidade, tendo em vista o Sínodo convocado pelo Papa Francisco, o Monsenhor Luiz Antônio nos ajuda a pensar sobre a sinodalidade nas outras Igrejas. Sua reflexão se baseia no modelo de Igrejas do tipo episcopal, presbiteriano e congregacional, mostrando compreensão sobre a sinodalidade e seus múltiplos aspectos em cada uma dessas formas de identificação.

A nossa editoria “queridinha”, a de “Arte, Cultura e Fé” na página 8, traz uma história muito bonita sobre a devoção de Nossa Senhora da Luz, em Conselheiro Lafaiete (MG). Em meio a tantas paróquias do município, não menos importante ou com maior relevância do que as outras, a Paróquia Nossa Senhora da Luz tem uma singular importância: trata-se de um Santuário Arquidiocesano que tem sua história ligada a uma devoção vinda com os portugueses que se instalaram na antiga Queluz de Minas no final do século XIX. Se você quer conhecer melhor a devoção a Nossa Senhora da Luz e se tornar um grande devoto, não pode deixar de ler.

Por fim, agradecemos a todos vocês pela parceria e desejamos que a partir desta leitura possamos colher os frutos daquilo que realizarmos, tendo como base na formação que o Jornal Pastoral nos traz. Boa leitura!

## Expediente

**Diretor:** Pe. Harley Carlos de Carvalho Lima

**Conselho Editorial:** Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. Lucas Germano de Azevedo, Edina da Silva, Ester Trindade, Mônica Moraes, José Euzébio de Oliveira, Durval Batista Roque, Pe. Edir Martins Moreira e Pe. Thiago José Gomes

**Jornalista responsável:** Thalia Gonçalves

**Reportagens:** Thalia Gonçalves - MTB 0022072/MG

**Diagramação:** Editora Dom Viçoso | (31) 3557-1233 | www.graficadomvicoso.com.br

**Revisão:** Ester Trindade, Laene Medeiros, Pe. Paulo Barbosa e Thalia Gonçalves

**Colaboradores:** Pe. José Antônio de Oliveira, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. Luiz Faustino dos Santos, Mons. Luiz Antônio Reis Costa

**Endereço:** Rua Direita, nº 102 – Centro, CEP: 35420-060 – Mariana (MG). Telefone: (31) 3557-1237

**E-mail:** dacom@arqmariana.com.br | **Site:** www.arqmariana.com.br

Fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG.

## Visão pastoral

# Projeto Arquidiocesano de Evangelização e renovação paroquial

**Pe. José Geraldo de Oliveira**

Coordenador Arquidiocesano de Pastoral

O Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE) não é um manual de ação evangelizadora ou pastoral, mas uma inspiração para a elaboração de projetos locais e luz para nossas ações evangelizadoras e pastorais. O que não diminui a sua importância e o nosso dever de pautar nossos projetos em sintonia com o PAE.

A renovação das estruturas paroquiais torna-se urgente, se quisermos, de fato, a implementação do Projeto Arquidiocesano de Evangelização. Usando uma expressão atual da Igreja, podemos falar de uma conversão pastoral da Paróquia. A Igreja diocesana está organizada na estrutura paroquial. Trata-se, portanto, de “propor um modelo de paróquia mais evangélico, onde haja participação. Um modelo onde haja corresponsabili-

dade de todos os seus participantes. Um modelo onde a fraternidade, a comunhão e os serviços sejam expressão real do mistério salvífico, sinais do reino e reveladores do Projeto de Deus em Cristo” (Torres-Londoño - *Paróquia e Comunidade no Brasil*, p. 250).

A renovação paroquial é “um processo lento e complexo, pois supõe mudança em quase todas as frentes da ação pastoral e da própria Igreja. Isso exige muita paciência e uma grande dose de coragem, porque é preciso romper com muitos esquemas e tradições, arraigados na consciência católica desde sempre”. (Idem, p. 250).

A renovação da Igreja passa por uma conversão pastoral e missionária. O primeiro desafio a essa conversão é

apresentado pelo Papa Francisco com a expressão “Igreja em saída”. “Em saída” indica um movimento. Para caminhar, a primeira medida é sair de casa. Sair e ir ao encontro, ir à busca. A saída para o pastoreio coloca a Igreja em trânsito permanente para além de si mesma: para o encontro inseparável com Cristo e com o povo. Nessa dinâmica, a comunidade eclesial se renova, para ser servidora fiel do Mestre, abandonando suas seguranças institucionais, suas vaidades estéticas e suas ambições de poder (EG. 24).

Portanto, assumir o compromisso de renovação das estruturas, sendo uma Igreja em saída ao encontro de todos, é o grande desafio de nossas comunidades na efetivação do Projeto de Evangelização.

## Opinião

# Fraternidade e Fome

## Ah, se os "cristãos" fossem discípulos de Jesus!

**Pe. Luiz Faustino dos Santos**

Granada, Abre Campo, MG

Pela terceira vez, a Igreja levanta a voz na Campanha da Fraternidade mais um grito contra a fome. Duas palavras que se opõem: fraternidade e fome. Onde há fraternidade, não há fome. Estamos na 60ª Campanha da Fraternidade, mas, de fraternidade temos pouco. Muito nos entristece um país tão rico como o Brasil com grande parte do povo passando fome. O pior é que muitos morrem de fome, literalmente. Quantas crianças são levadas aos hospitais todos os dias e os médicos constatam que as crianças não precisam de remédio, ou o remédio que elas precisam se chama comida.

Certa vez, dois missionários, de férias no Brasil, conversavam sobre a missão. Um trabalhava no Japão e o outro no Haiti e discutiam também sobre a fome. O missionário do Japão dizia: “No Japão apenas 3% da população se diz cristã, mas lá ninguém passa fome”. O missionário do Haiti, com tristeza, dizia: “Pois lá no Haiti 95% da população se diz cristã, no entanto, muitos morrem de fome”. Como descobrir Deus, Pai misericordioso, quando não O vemos no pequeno que sofre?

O Deus de Jesus não aceita o louvor das mãos erguidas, se elas não se abrem para acolher, para libertar os oprimidos. Deus não se interessa pela fumaça do incenso que sobe, porque está ocupado com a ovelha sem pastor. Não é possível agradar a Deus com excesso de beleza nos templos, e falta de comida nos casebres dos seus filhos.

Constatamos que, em geral, a Igreja no Brasil, cada vez mais, ergue as mãos para louvar a Deus nas alturas, mas não se preocupa com a falta de paz em muitos lares. Muitas crianças choram de fome, os pais se desesperam e a morte bate à porta. Faltam profetas, como Amós, que gritem nas praças: “...vendem o justo por dinheiro e o necessitado por um par de sandálias; pisoteiam os fracos no chão e desviam o caminho dos pobres! — e continua — Quanta desordem existe e quantos oprimidos há em seu meio! Não sabem viver com honestidade” (Am 2,6-7;3,9-10).

E tem mais, diz o profeta que Deus clama: “Eu detesto e desprezo as festas de vocês; tenho horror dessas reuniões (...). Eu quero, isto sim, é ver brotar o direito como água e correr a justiça como riacho que não seca” (Am 5,21.24). Uma comunidade que vive uma fé comprometida com o mais pobre tem muitas razões de celebrar e se alegrar.

# Quais são os próximos passos até a canonização de Isabel Cristina

THALIA GONÇALVES

Em 10 de dezembro de 2022, a Arquidiocese de Mariana celebrou a beatificação da Mártir e Virgem, Isabel Cristina Mrad Campos. Para entender como foi esse processo e os próximos passos, o **Jornal Pastoral** conversou com Paolo Vilotta, postulador da causa. Tendo atuado primeiramente como assessor do postulador Padre Paulo Lombrado durante a fase diocesana da causa de beatificação, Paolo Vilotta assumiu o processo como postulador durante a fase romana e permanecerá na função em vista à canonização.

Thalia Gonçalves



## Jornal Pastoral: Como foi construído o processo de beatificação?

**Paolo Vilotta:** Foi construído não somente para demonstrar o martírio, [mas também], o que não é todo mundo que faz, para demonstrar as virtudes. Graças a isso, conseguimos mostrar como ela, Isabel Cristina, foi consciente [em sua fé]. É muito importante lembrar a educação cristã que ela conservou até a morte, graças à família e aos vicentinos; uma linda continuidade das virtudes cristãs com os exemplos dos pais, da própria família, transmitido à nossa Beata. Isso, eu acho, que é uma mensagem muito importante, não somente lembrar o momento do martírio, que é fundamental, é uma coroa, mas também sua história.

O Arcebispo também pediu um novo estudo que possa ajudar sobre os escritos dela. Os escritos de uma jovem que já na adolescência gostava de escrever alguma reflexão, alguma meditação. Então, no futuro, vai se fazer também esse trabalho. Isso vai ser muito importante para também conhecer Isabel Cristina na sua vida, antes daquele episódio, que é um dom da graça de Nosso Senhor.

## Jornal: Como foi assumir a fase romana do processo de beatificação? O que levou a esse caminho?

**Paolo Vilotta:** Nesse caso, em um nível pessoal e profes-

sional, foi muito bom para a minha formação porque foi uma das minhas primeiras causas na fase romana como postulador. Foi, no início, um “desafio” para mostrar as provas. Foi pedido também um inquérito supletivo que fizemos com a Cúria, que seria recolher nova documentação durante a fase romana, para demonstrar com mais força, com mais documentação, porque a Igreja pede um trabalho muito documentado e de testemunhos. Então, colocamos mais testemunhos e documentos para esclarecer alguma coisa e conseguimos apresentar novamente para mostrar o martírio da Isabel Cristina. Esse foi o trabalho técnico mais importante.

Depois disso, foi construída a “*Positio Super Martyrio*”, que seria o resumo de todas as atas da fase diocesana, também o inquérito e outros documentos que saíram nesse período. É o resumo do livro mais importante sobre ela, [Beata Isabel Cristina], que fica guardado na Cúria. Esse resumo é aquele livro que, depois da composição da *Positio*, é estudado pelo Congresso dos Teólogos, por meio do qual os teólogos vão exprimir um parecer sobre o martírio dela e sobre a fama de martírio - se chama desse modo - [que] é uma unanimidade, somente algum ponto foi esclarecido. Eles fizeram um trabalho, exprimiram em voto, deram um parecer, que se chama “*Relatio et vota*”,

que são as relações e os votos dos teólogos que aprovaram e estudaram a causa.

Como é a regra da Igreja, eles estudam, mas não são juízes. Eles, como teólogos, estudam de forma muito objetiva e entregam um parecer que ajuda os cardeais e bispos que, reunidos em uma comissão, estudam o documento. Eles, ajudados pelos teólogos, também vão exprimir um parecer com um sentido maior do que os teólogos, com mais relevância sobre o martírio, a autoridade da causa, para entregar todo aquele parecer ao Papa, porque o único legislador, o único juiz, é o Papa que, em 27 de outubro de 2020, autorizou o Cardeal Marcello Semeraro a publicar o decreto sobre o martírio. O Papa reconheceu que Isabel Cristina Mrad Campos é Virgem e Mártir; essa foi a decisão.

## Jornal Pastoral: Qual foi o papel desempenhado por Padre Geraldo Cifani Pinheiro, SVD para que essa beatificação acontecesse?

**Paolo Vilotta:** O Padre Geraldo Cifani não foi só o primeiro biógrafo, mas foi também a pessoa que foi atrás da causa, [esse] é o trabalho mais complicado: apresentar, mostrar, recolher as primeiras declarações. Sem o trabalho dele, hoje, nenhum de nós poderia falar dessa beatificação. Então, é importante evidenciar esse trabalho.

Também, evidenciar a confiança, depois de uma meditação e estudo, do nosso grande Servo de Deus, Dom Luciano. Foi todo um caminho. Isso é uma coisa muito linda. Evidenciar e lembrar as pessoas que trabalharam [em prol do processo]. [...] É importante lembrar dessas pessoas para a memória histórica, mas também para a justiça, virtude cristã.

Quero lembrar também do Arcebispo Emérito, Dom Geraldo Lyrio Rocha, na continuidade de Dom Luciano. Eles, os dois bispos, o Padre Cifani e o Padre Paolo Lombardo, o primeiro postulador da causa, e também os trabalhos e dedicação do Diác. Antônio Rodrigues do Prado e do Mons. Roberto Natali Starlino.

## Jornal Pastoral: Quais são os próximos passos para a canonização?

**Paolo Vilotta:** Segundo as normas da Igreja, necessita comprovar um milagre que acontece depois da beatificação ou depois do decreto do martírio. É presumido o milagre e para comprová-lo necessita constituir novamente uma fase diocesana, como aquilo que fizemos, mas será concentrado no milagre. A juridicização é onde acontece o presumido milagre, não é necessariamente aqui [na Arquidiocese de Mariana]; pode acontecer em qualquer lugar e lá faz-se esse trabalho.

## Jornal Pastoral: Qual é a diferença da beatificação para a canonização?

**Paolo Vilotta:** Na prática, a diferença é o culto. Na beatificação, o culto é público, mas sobre algumas coisas como dedicação de igrejas e capelas só se pode fazer, sem pedir autorização, em toda a Arquidiocese de Mariana e Arquidiocese de Juiz Fora. Um exemplo concreto: uma outra cidade que pertence juridicamente a uma outra diocese, aquela paróquia, aquela igreja, através da própria diocese, necessita pedir a autorização ao Dicastério para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos em Roma. Depois, na canonização, o culto é público, tem todo um ofício litúrgico próprio. Agora [na beatificação], também o ofício litúrgico é um pouco menor: somente na segunda leitura, a coleta e o próprio, não tem mais alguma coisa na beatificação.

É claro que no sentido de santidade ela já é santa, mas é uma tradição cristã confirmada de atender para uma segurança de extensão do culto, somente isso. Mas digo que o martírio foi comprovado no momento da publicação do decreto sobre o martírio e depois é tudo uma questão de culto. Muitas vezes falam: “o Papa santificou”. Não, o Papa canonizou; colocou no cânone universal da Igreja, no calendário [litúrgico] universal.

# Tempo da Quaresma

“Jejuando quarenta dias no deserto, Jesus consagrou a observância quaresmal. Desarmando as ciladas do antigo inimigo, ensinou-nos a vencer o fermento da maldade. Celebrando agora o mistério pascal, nós nos preparamos para a Páscoa definitiva”.

(Prefácio do I Domingo da Quaresma)

Iniciaremos, no dia 22 de fevereiro, o Tempo da Quaresma, tempo de preparação que antecede o tríduo pascal da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor Jesus. Durante os quarenta dias, a Igreja se recolhe em Jejum, Penitência e Oração no intuito de preparar o coração para a o centro da vida cristã: a Páscoa. Sabemos que o número 40 é carregado de significado teológico e bíblico. “A tipologia bíblica do número 40 influenciou na formação da Quaresma mediante a concordância entre a cifra e os acontecimentos histórico-salvíficos das várias ‘quaresmas’ bíblicas (os dias do dilúvio, os dias de Moisés no Sinai, os anos da travessia do deserto, os dias da peregrinação de Elias ao Oreb, os dias da penitência dos Ninivitas, os dias do jejum e da prece de Cristo no deserto).”<sup>1</sup>

A Igreja se prepara de modo intenso por meio da liturgia, quando a cor roxa ganha lugar nos paramentos e no gesto de cobrir as imagens<sup>2</sup>; o altar traz pouca ornamentação; a Cruz ganha ainda mais destaque no espaço litúrgico e as músicas litúrgicas fazem forte apelo à conversão.

A respeito das músicas litúrgicas é válido destacar que, dentro da celebração da Eucaristia, elas ganham um tom mais sóbrio com a utilização de poucos instrumentos, e sem a percussão. Omite-se o Aleluia nos cantos, deixando-o para ser entoado solenemente na Vigília Pascal (mãe de todas as vigílias), a festa da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte. Os cânticos litúrgicos devem estar estreitamente ligados à liturgia da Palavra e as antífonas do Missal Romano, ou ainda ao Gradual Romano, evitando cantos que não estejam de

<sup>1</sup> AUGÉ, Matias. O Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2019. (p. 156)

<sup>2</sup> “O uso de cobrir os crucifixos e as imagens no Domingo da Paixão relaciona-se, segundo alguns autores, ao ‘pano de fome’ ou ‘véu de jejum’ com o qual o povo era impedido de ver o altar no início do tempo de jejum do século XI. Durandi di Mende interpreta esta situação de maneira alegórica, referindo-se a Jo 8, 59: ‘Então pegaram algumas pedras para lançar contra ele; mas Jesus escondeu-se e saiu do templo’. Em todo o caso, a disposição de cobrir as cruzes e as imagens encontra-se oficialmente somente no *Cerimoniale Episcoporum* da primeira metade do século XVII”. (AUGÉ, Matias. O Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 159)

acordo com o espírito da liturgia celebrada. “Ao som e na força inspiradora desses cantares, a comunidade cristã celebra o mistério dos quarenta dias, em comunhão com o Cristo, em sua tentação (1º domingo), cantando a força vitoriosa da Palavra de Deus; subindo o monte da transfiguração (2º domingo), afinando sempre mais as vozes e corações com a Palavra daquele Filho querido que o Pai nos manda escutar. E o canto da Quaresma será tanto mais autêntico quanto mais contribuir ‘para que haja entre vós o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus’ (Fl 2, 5), que ‘despojou-se’ (Fl 2,7), ‘deu a vida por nós’ (1Jo 3,16), ‘para que façais assim

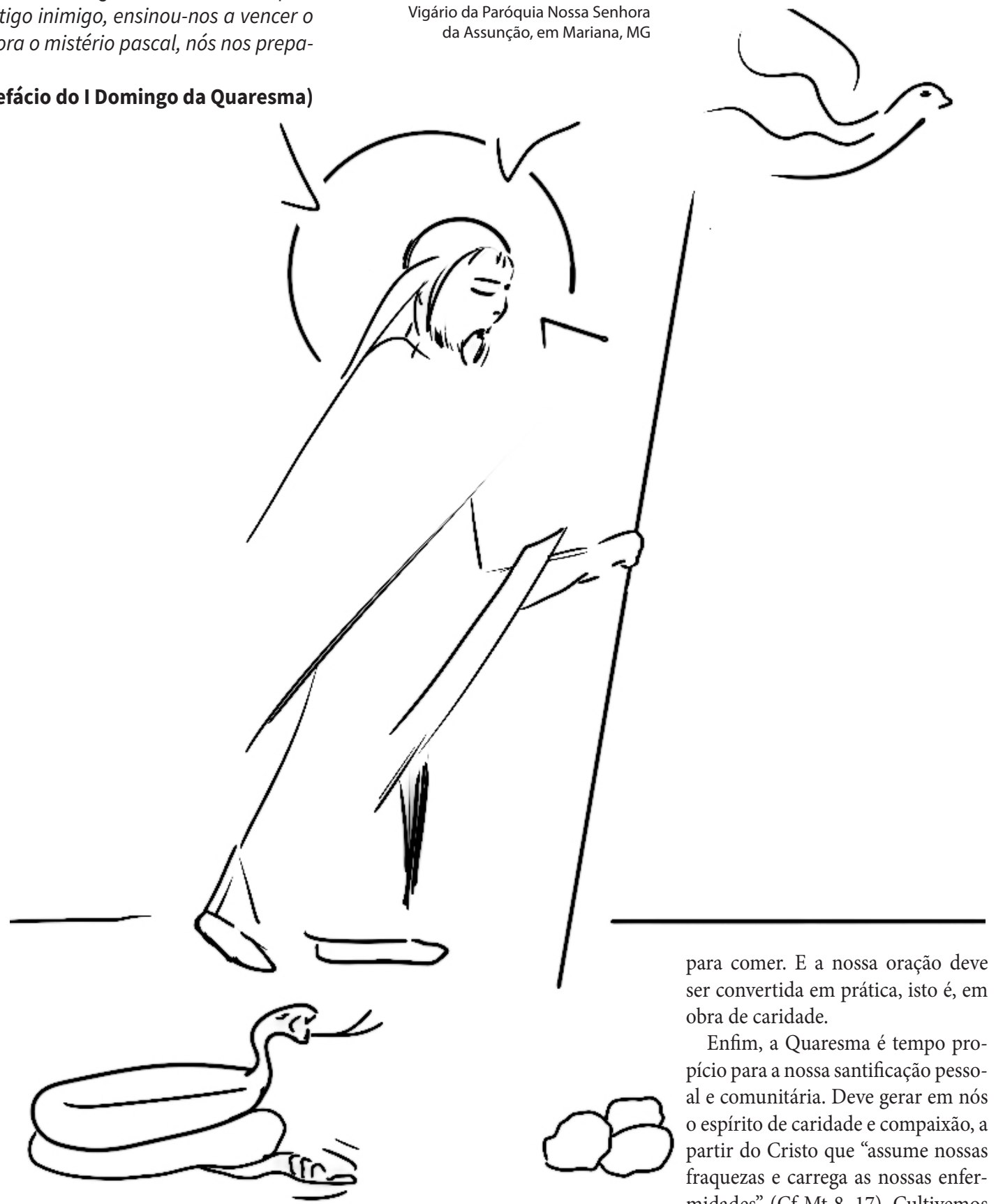
como eu fiz para vós’ (Jo 13,15). De tal maneira que, pela participação em seus sofrimentos, ao nos comprometermos com os irmãos ‘até o fim’ (Jo 13, 1), cheguemos a ser ‘semelhantes a ele também pela ressurreição’ (Rm 6,5).”

Ainda durante esse tempo, a Igreja no Brasil propõe a Campanha da Fraternidade, neste ano com o tema: “Fraternidade e fome”, e o lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer.” (Mt 14,16). O tema da Campanha vai de encontro aos gestos quaresmais da penitência, do jejum e da oração. Não devemos nos esquecer em nossa oração daqueles mais necessitados, dos que não têm nada

Pe. Johny Sales

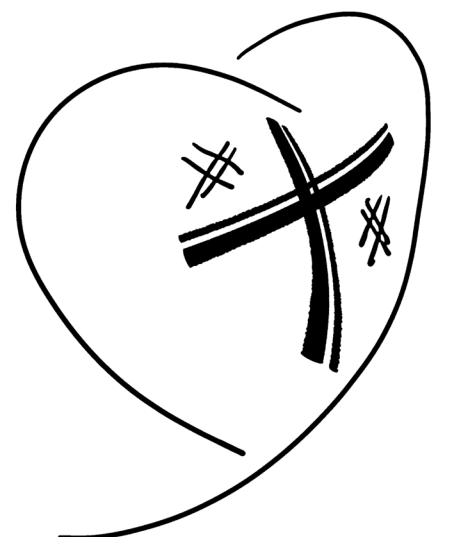
Vigário da Paróquia Nossa Senhora da Assunção, em Mariana, MG

ILUSTRAÇÕES: SEMINARISTA FABRÍCIO LOPES



para comer. E a nossa oração deve ser convertida em prática, isto é, em obra de caridade.

Enfim, a Quaresma é tempo propício para a nossa santificação pessoal e comunitária. Deve gerar em nós o espírito de caridade e compaixão, a partir do Cristo que “assume nossas fraquezas e carrega as nossas enfermidades” (Cf Mt 8, 17). Cultivemos durante esse tempo as virtudes da fé, esperança e caridade, a fim de que vivamos a Páscoa da Ressurreição.



# O olhar da Igreja sobre a fome

Thalia Gonçalves

CF 2023 reflete sobre a fome, realidade que atinge 33,1 milhões de brasileiros

MARIA JOSÉ DE SOUZA



Tempo favorável à conversão, ao jejum e à penitência, no Brasil, a Quaresma é também marcada pela Campanha da Fraternidade. Estando neste ano em sua 60ª edição, a CF 2023 discorre sobre “**Fraternidade e Fome**”, tema escolhido em 2021 pelo Conselho Episcopal Pastoral da CNBB, quando o país enfrentava momentos críticos da pandemia e voltava ao mapa da fome da ONU.

Iluminando as reflexões, a CF traz como lema a passagem bíblica em que Jesus, ao sentir compaixão pela multidão faminta que lhe seguiu, ordena aos discípulos: “**Dai-lhes vós mesmo de comer**” (Mt 14, 16). Conforme o Assessor de Campanhas da CNBB, Padre Jean Poul Hansen, o lema proposto tem como finalidade conscientizar sobre a responsabilidade pessoal de todos para solucionar o problema da fome no Brasil e no mundo.

“Como outrora, na passagem bíblica, hoje há uma multidão faminta. Se não nos deixarmos tocar pela lógica de Jesus e do Evangelho, seremos tentados como os discípulos daquele tempo a despedir a multidão para que ela se vire para comprar comida. Mas, hoje, como ontem, é o próprio Senhor Jesus que nos ensina a colocar o bem comum acima do bem individual e partilhar tudo, ainda que seja pouco. Tudo aquilo que partilharmos passa por Ele, que tudo transforma em Eucaristia e devolve a nós para que, como seus discípulos, distribuamos a quem tem fome. A saciedade e a fartura são certas. O desperdício não”, afirma o sacerdote.

Para ajudar em sua vivência, a Campanha da Fraternidade traz como objetivo geral “**sensibilizar a sociedade e a Igreja para enfrentarem o flagelo da fome, sofrido por uma multidão de irmãos e irmãs, por meio de compromissos que transformem esta realidade**

a partir do Evangelho de Jesus Cristo”. Ao ter esse propósito, Padre Jean aponta que a Igreja quer motivar para a ação concreta de superação da fome a partir do Evangelho.

## A fome no Brasil

Ao falar sobre a fome, o principal ponto a ser destacado é: não se trata de números, mas de pessoas que têm o direito à alimentação violado. No Brasil, 33,1 milhões de cidadãos não têm o que comer. É o que aponta o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19, desenvolvido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN).

Os dados da pesquisa, coletados entre novembro de 2021 e abril de 2022, revelaram que em um pouco mais de um ano, ao comparar com o estudo baseado em informações de 2020, foram 14 milhões de brasileiros a mais em situação de fome.

“O Brasil tornou-se o ‘celeiro do mundo’. É o segundo maior produtor de grãos e o maior produtor de proteína animal. Não há razão que justifique 33,1 milhões de irmãos nossos padecer na Insegurança Alimentar Grave de não saber quando farão a próxima refeição”, defende Padre Jean.

O inquérito também indica que, em 2021 e 2022, 125,2 milhões de pessoas passaram por algum grau de insegurança alimentar, simbolizando um aumento de 7,2% em relação a 2020 e 60%, quando comparado a dados anteriores à pandemia de 2018.

Para o Assessor de Campanhas da CNBB, “a superação da fome no Brasil passa necessariamente por uma justa redistribuição da terra, pela valorização real do salário mínimo, por uma sólida política trabalhista e por uma

necessária e justa reforma tributária. Sem ‘Terra, Teto e Trabalho’, diria o Papa Francisco, não haverá vida digna e alimentação saudável para os filhos e filhas de Deus”.

## O olhar da Igreja no Brasil sobre a fome

Essa não é a primeira vez que a Igreja no Brasil aborda a fome na Campanha da Fraternidade. Em 1975, a CF teve como tema “**Fraternidade é repartir**” e como lema “**Repartir o pão**”. Dez anos mais tarde, em 1985, o assunto voltou a ser refletido por meio do lema “**Pão para quem tem fome**”. Além de compartilharem a mesma temática, outro ponto em comum nas três Campanhas é a proximidade com a realização dos Congressos Eucarísticos Nacionais ocorridos, respectivamente, em Manaus (AM), Aparecida (SP) e Recife (PE).

Segundo Padre Jean, essa familiaridade é, antes de tudo, providencial. “Isso se revela de forma clara na última ocorrência, pois a escolha do tema da CF 2023 não foi condicionada pelo 18º CEN de Recife, que estava agendado para 2020. Outra é a relação temática: o flagelo da fome, para nós, cristãos, sempre estará relacionado à Eucaristia, pois nela Deus sacia a todos e nos ensina a fazer o mesmo. Dom Luciano Mendes de Almeida afirmava, certa feita, num artigo, que ‘**enquanto um irmão nosso morrer de fome no mundo, teremos que começar todas as celebrações eucarísticas pedindo: Senhor, tende piedade de nós! Cristo, tende piedade de nós!**’”, ressalta.

Apesar do assunto meditado ser o mesmo, ele destaca que são em contextos distintos. “As edições de 1975 e 1985 ocorreram em cenários bastante diferentes do atual. Vivíamos, naquele tempo, o desenvolvimentismo e o retorno democrático, respectivamente.

Hoje, num contexto diferente, já fizemos a experiência de ter saído do mapa da fome, já sabemos que é possível alimentar todos os brasileiros, até mesmo os socialmente mais vulneráveis”, pondera.

## “Dai-lhes vós mesmo de comer” (Mt 14, 16)

Como cristãos, é dever de todos serem discípulos de Jesus e cumprir a ordem dada diante daquela multidão de famintos. Logo, é papel de toda sociedade combater à fome. “A saciedade não é responsabilidade de uns poucos, mas de todos, que são desafiados pelo Senhor a dar tudo, ainda que o meu e o seu tudo seja muito pouco – ‘**cinco pães e dois peixes**’ (Mt 14,17). A todos nós o Senhor diz: ‘**trazei-os aqui**’ (Mt 14,18)”, pondera Padre Jean.

Seja por meio das pastorais ou movimentos, na Arquidiocese de Mariana, algumas paróquias realizam gestos concretos de combate à fome de forma recorrente, como é o caso da Paróquia Nossa Senhora da Assunção, em Barbacena (MG). De acordo com o Coordenador Paroquial, Sander Lourenço da Silva, desde fevereiro de 2020, a paróquia, com a ajuda de voluntários, prepara e serve sopa às pessoas em situação de rua. Atualmente, são distribuídos cerca de 40 potes da refeição, que é feita com alimentos arrecadados em doações. “Não nasceu, mas foi um fruto muito benéfico na pandemia”, ressalta.

Já em Conselheiro Lafaiete (MG), a Paróquia Sagrado Coração de Jesus, por meio dos vicentinos, promove a doação de cestas básicas mensais com a visita domiciliar às famílias, conta José Bitencourt.

A fim de ajudar a pensar em ações práticas, o texto-base da CF 2023 apresenta uma série de sugestões que podem ser realizadas visando o combate à fome.

## Giro de Notícias



ANA PAULA DOS SANTOS

Em 27 de janeiro, o Arcebispo Metropolitano, Dom Airton José dos Santos, esteve em Barbacena (MG) para abençoar a Casa do Padre, que agora passa a funcionar em prédio ligado à Paróquia Bom Pastor. A cerimônia também marcou a acolhida dos quatro sacerdotes da Arquidiocese de Mariana que residem no local e a recepção dos dois padres e um irmão da Congregação dos Oblatos de Cristo Sacerdotes que, por meio de convênio com a Arquidiocese, irão coordenar os trabalhos da Casa.



THALIA GONÇALVES

A Catedral Basílica Nossa Senhora da Assunção, em Mariana (MG), acolheu no Dia Mundial da Vida Consagrada, 2 de fevereiro, 70 consagrados e consagradas para a celebração de Ação de Graças pela data. A Santa Missa foi presidida por Dom Airton José dos Santos e aconteceu em sintonia com as atividades do 3º Ano Vocacional.



CAIO AMORA

No dia 13 de fevereiro, o Seminário São José, da Arquidiocese de Mariana, acolheu o novo Reitor da instituição, Padre Sérgio José da Silva, e o novo Diretor da Comunidade do Propedêutico, Padre Gilsimar Tavares Vieira. A celebração da Santa Missa com o rito de posse canônica dos sacerdotes foi presidida pelo Arcebispo Metropolitano, Dom Airton José dos Santos, e contou com a participação de todas as casas de formação do Seminário, além de quase 30 padres do Clero Marianense.



ARQUIVO PESSOAL DO PADRE EDIR MARTINS

Aconteceu entre os dias 6 e 10 de fevereiro, na Fazenda Borda do Campo, em Antônio Carlos (MG), a primeira edição do Retiro do Clero de 2023. À ocasião, 64 padres e quatro diáconos participaram desse momento oportuno de crescimento espiritual e unidade que teve como pregador o Conselheiro-Geral da Congregação do Verbo Divino, Padre Arlindo Dias, S.V.D.

# Uma luta desproporcional

Pe. José Antônio de Oliveira

Paróquia São João Batista, Matipó, MG

Contam que um rapaz sofreu um acidente e ficou paraplégico. Internado no hospital, passava o dia revoltado com o mundo e xingando quem se aproximasse. Até que uma enfermeira, toda gentil, se aproximou e lhe disse: por que, em vez de reclamar do que é ruim, você não agradece pelo que é bom? — Mas eu não tenho nada de bom pra agradecer! — É claro que tem. Quer uma ajuda?

A enfermeira saiu e, daí a pouco, lhe trouxe uma caneta e uma folha em branco, dividida em duas colunas. Escreveu de um lado “pontos positivos” e do outro “pontos negativos”. E começou a perguntar: você enxerga? — Claro! — Então escreva aí: eu enxergo. E foi perguntando: você ouve? Você fala? Você pensa? Você tem inteligência? Tem paladar? Tem família? Tem amigos? Tem alguém que te ama? Tem condições de se tratar?

Depois disse a ele: agora você continue a lista e depois me mostre. Quando a enfermeira voltou, ele deu um sorriso e lhe entregou a folha. Do lado esquerdo a folha estava cheia de alto a baixo. Do outro lado estava: não posso andar.

Creio que a gente poderia fazer um paralelo entre essa história e a realidade das vocações e ministérios na Igreja. O trabalho de evangelização, a ação pastoral, a promoção da vida numa comunidade paroquial, a presença da Igreja na sociedade, tudo isso depende em 99,9% dos leigos e leigas. Mas quando ouvimos Jesus dizer que a messe é grande e os operários são poucos, e nos diz para pedir ao Pai que mande operários para a missão, a maioria das pessoas ainda pensa que isso significa pedir mais padres. Mesmo sabendo que, de todo o trabalho realizado na ação da Igreja, somente 0,01% depende do padre. Claro que não são números exatos, mas somente para se ter ideia da proporção.

A própria Igreja, enquanto instituição, muitas vezes se esquece disso. A assembleia mais importante da Igreja no Brasil é constituída de bispos. Pouquíssimos leigos participam. Mas é a palavra da Igreja.

Diante disso, inspirados pelas intuições do Concílio Vaticano II, várias lideranças religiosas do Brasil, de modo especial Dom Luciano e Dom Hélder Câmara, tiveram a brilhante ideia de gerar uma “Assembleia do Povo de Deus”, posteriormente chamada de “Assembleia dos Organismos do Povo de Deus”. A primeira experiência aconteceu em 1991, em Itaici (SP). De lá para cá, já tivemos dez edições. Essa deveria ser na verdade a maior expressão da comunhão da Igreja no

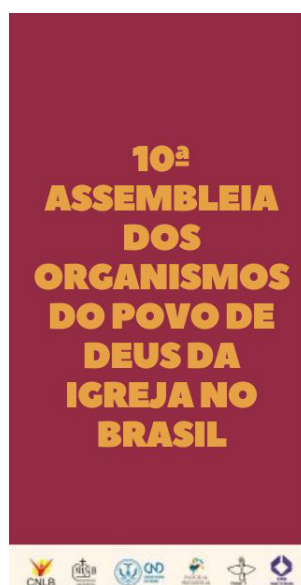
Brasil, porque congrega todos os organismos da Igreja (leigos, consagrados, diáconos, padres, bispos, etc.) e retrata de maneira mais fiel o rosto da nossa Igreja. Reflete um equilíbrio eclesial, que evita o clericalismo e incentiva a ministerialidade e a sinodalidade.

Porém, essa iniciativa é pouco divulgada e tem pouco apoio. Você, por exemplo, conhece a história dessas assembleias? Já teve acesso ao que é tratado e definido nesses encontros? Não acredita que essas iniciativas deveriam ter mais ou, pelo menos, o mesmo peso das decisões da CNBB?

É importante tomar consciência disso e trabalhar para mudar a mentalidade que impera em nosso meio. Quer mais um exemplo? Se for construída uma grande igreja em qualquer paróquia, ali trabalharão pedreiros, serventes, eletricitas, pintores, bombeiros, marceneiros, e a obra certamente será custeada pelo dízimo e ofertas de centenas ou milhares de pessoas. Porém, se forem colocar uma placa de bronze na inauguração, certamente nela estará o nome do bispo diocesano, que foi lá somente para dar a bênção, do pároco, que provavelmente não tenha colocado um tijolo sequer e, talvez, do arquiteto. Esses ficarão eternizados, enquanto aqueles que de fato construíram nem sequer serão lembrados. É assim que funciona. Na sociedade e na Igreja.

Estamos celebrando o 3º Ano Vocacional do Brasil, que nos convida a refletir sobre a vocação e a missão. Se for olhar pela lógica, pelo que mostramos acima, de todas as iniciativas referentes ao Ano Vocacional, 99% deveria se voltar para a vocação leiga. E 1% para o ministério ordenado. De que forma podemos contribuir para que isso aconteça?

Concluindo, gostaria de deixar um recado para a reflexão. Se você é um ministro ordenado, lembre-se que mais de 99% do trabalho evangelizador e pastoral da Igreja depende dos leigos e leigas. Valorize-os! Incentive, invista na formação, libere recursos, respeite a pessoa e a missão deles. E se você recebeu o dom da vocação laical, reconheça a sua importância, valorize-se, valorize as(os) companheiras(os) de missão, lute para que seu espaço seja respeitado. Não se contente com alguns serviços dentro da Igreja, mas assumo seu papel de sal e luz na sociedade. Leve o fermento do Reino a todos os ambientes. Não se limite a ser um tarefeiro e nem a alimentar a Igreja da sacristia. O grande desafio que nos é proposto no momento é de sermos, de fato, uma Igreja em saída.



# A Sinodalidade nas outras igrejas

REPRODUÇÃO DO VÍDEO "MAKE FRIENDS"/YOUTUBE



**Mons. Luiz Antônio Reis Costa**  
Vigário Geral e Pároco da Paróquia Santo Antônio, em Itaverava, MG

Os sínodos, entendidos como “busca de um caminho comum” ou ampla assembleia eclesial, não são uma realidade exclusiva do catolicismo romano. Outras denominações cristãs realizam também os seus sínodos, dando a eles um significado e uma configuração de acordo com os seus usos, costumes e doutrinas. Cada uma dessas denominações busca a fundamentação da sua prática sinodal no Novo Testamento, ainda que as diferenças sempre dependam da compreensão que possuem sobre o que é a Igreja de Cristo e como ela se organiza na prática.

Regra geral, os vários grupos cristãos se identificam sob a forma de Igrejas de tipo *episcopal*, *presbiteriano* e *congregacional*. As Igrejas de tipo *episcopal* possuem uma estrutura que remonta à antiguidade cristã, centrada na pessoa do bispo e dotada de um tríptico ministério ordenado (diaconato, presbiterato e episcopado) e com grandes semelhanças com a prática da Igreja Católica Romana. “Na tradição romana, o bispo à frente da comunidade diocesana e rodeado do seu presbitério, e o bispo de Roma à frente de todos os bispos da esfera católica adquiriram tão grande preeminência que, muitas vezes, o povo

fiel ficou à margem de qualquer tomada de decisões. Hoje o *Sínodo dos Bispos* é uma assembleia dos bispos, de natureza consultiva, que se reúne em determinadas ocasiões, para fomentar a união estreita entre o Papa e os bispos e ajudá-lo em suas deliberações. Por sua vez, um ‘sínodo diocesano’ é uma assembleia do clero e dos demais fiéis de uma Igreja particular, convocada pelo bispo para ajudá-lo em seu trabalho pastoral diocesano” (J. Bosch Navarro).

Para os cristãos ortodoxos e anglicanos, mesmo que suas Igrejas se estruturam de forma episcopal, os seus sínodos possuem conotações diferentes. Ainda que os sínodos sejam convocados pelos seus bispos (ou eventualmente pelos governantes dos seus respectivos países), no anglicanismo a participação dos leigos é maior e sua presença não resulta de simples convite, mas de convocação como membros efetivos das assembleias, o que não ocorre com a mesma simetria entre os ortodoxos.

As Igrejas de tipo *presbiteriano*, principalmente as de origem calvinista, acentuam sempre o papel decisivo do presbitério local (também chamado de colégio ministerial) na vida de

suas comunidades. Nesses colégios locais, os ministros (presbíteros, diáconos, pastores e mestres) exercem a pregação da palavra, a celebração dos seus dois únicos sacramentos (batismo e ceia do Senhor) e o serviço da correção e disciplina eclesial. As assembleias em níveis mais amplos (região, país, etc.) são chamadas de sínodos e incluem sempre um grande número de membros que não exercem estritas funções ministeriais.

As Igrejas de tipo *congregacional*, como o próprio nome também indica, dão total protagonismo às suas assembleias locais. A autoridade para as decisões reside em todos os membros que se uniram a essa congregação, seja a partir da mesma confissão de fé, evangelização, disciplina interna, liturgia ou ministérios. É uma estruturação teoricamente mais igualitária e aparentemente sem aquela rígida distinção entre ministros eclesiásticos e demais membros. “A partir daí, a cooperação com outras congregações da mesma família confessional varia muito, desde a mais absoluta independência até a aproximação a uma certa ordem sinodal”, explica Bos-

ch Navarro, o que não deixa de, vez por outra, gerar tensões e até divisões clamorosas. Quanto mais radicalmente protestante for uma denominação menos hierárquica e clerical é a sua sinodalidade. Em contrapartida, maiores também são os riscos de dispersão e ruptura por falta de um eixo institucional que — mesmo imperfeitamente — zele pela unidade, seja tal eixo o papado romano, o episcopado ortodoxo ou anglicano ou mesmo um conselho local de anciãos.

Um primeiro olhar sobre as diferentes experiências sinodais das várias confissões cristãs revela o grande desafio de conciliar o local com o global, o particular com aquilo que é de todos, o carisma evangélico com o múnus de governar. O que sempre se deve ter em vista é a unidade eclesial, o principal objetivo de todo e qualquer Sínodo.

## Para Refletir

com seu grupo ou equipe pastoral

1. O que as experiências sinodais das outras confissões cristãs têm a nos ensinar?
2. As denominações religiosas com as quais você e sua comunidade convivem possuem alguma prática sinodal?

“Outras denominações cristãs também possuem suas experiências sinodais.”

# A devoção a Nossa Senhora da Luz em Conselheiro Lafaiete

Thalia Gonçalves

*“Vinde nos iluminar,  
Nossa Senhora da Luz,  
Com Vosso Amor ensinar  
Os caminhos de Jesus!”.*

(Avelina Maria Noronha de Almeida)

Com fervor e emoção, os fiéis da Paróquia Nossa Senhora da Luz, em Conselheiro Lafaiete (MG), cantam em pleno pulmões o hino em honra à padroeira. Única paróquia dedicada à Maria invocada sob esse título na Arquidiocese de Mariana, a devoção a Nossa Senhora da Luz remete a muitos anos de tradição.

Tendo como origem a celebração da Festa da Apresentação de Nosso Senhor no Templo e da purificação da Virgem Maria, a crença a Nossa Senhora das Candeias, como também é intitulada, está relacionada à tradição mosaica, ou seja, ligada a Moisés, em que as mulheres, após darem à luz, estariam impuras e não poderiam visitar ao Templo até 40 dias após o parto.

“Nessa data, deviam apresentar-se diante do Sumo sacerdote, a fim de apresentar o seu sacrifício: um cordeiro e duas pombas. Com a celebração da Festa da Apresentação de Jesus e a purificação da Virgem Maria, nasceu a festa de Nossa Senhora da Luz. Do cânti-

co de São Simeão, que promete que Jesus, será a Luz que irá aclarar os gentios, nasce o culto em torno de Nossa Senhora das Candeias, cujas festas eram geralmente celebradas com uma procissão de velas”, conta o Pároco local, Padre Rogério de Oliveira Pereira.

Invocada nos momentos difíceis da vida para que seja a luz a iluminar os caminhos e as decisões, conforme consta no histórico do Santuário de Nossa Senhora da Luz de 1989, essa piedade popular foi trazida pelos portugueses, que se instalaram na antiga Queluz de Minas no final do século XIX.

Ainda, segundo Padre Rogério, relatos populares apontam que a devoção a Nossa Senhora da Luz em Conselheiro Lafaiete (MG) está ligada ao crescimento da “parte baixa da cidade”, no antigo bairro de Lafayette, constatando a necessidade da construção de uma capela. Posteriormente, com a doação de um terreno, no alto de uma colina, próxima à antiga Companhia Siderúrgica Nacional, foi constru-

ída a primeira Capela dedicada a Nossa Senhora das Candeias.

De acordo com Padre Rogério, em 1926, Conselheiro Lafaiete sofreu com uma epidemia de varíola, necessitando que fosse construído um cemitério atrás do Templo religioso. Já na década de 50, com a construção da antiga BR-3, atual BR-040, parte do terreno da capela foi tomado, comprometendo a sua estrutura, e o cemitério destruído.

Mas a fé em Nossa Senhora das Candeias permanecia crescendo, em consonância com o bairro Areal. Para isso, a comunidade local, motivada pelo padre Ermano José Ferreira, na época responsável pela Capela, juntamente com seu irmão, Padre Antônio Ferreira, se organizou em uma comissão para promover a construção do novo templo, porém, dessa vez, maior. As obras tiveram início em 1965, sendo concluídas em 1970.

“No Bairro Areal, ergue-se um majestoso templo dedicado à Santíssima Virgem Maria, iluminando como um farol todos os viajantes que passam pelas duas estradas (de ferro e de automóvel), por detrás e pela frente da Igreja. Já fez você um passeio por lá?”, assim escreveu o Padre Antônio Ferreira, em um dos seus sermões, incentivando aos fiéis a chamarem a nova capela de santuário. Padre Rogério ainda relata que com o passar do tempo e com a capela já pronta, que se tornou uma Igreja, ela passou a ser chamada por todos de Santuário.

Em 19 de fevereiro de 1989, o então Arcebispo Metropolitano

de Mariana, Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, realizou a cerimônia de dedicação do Santuário, modificando o seu nome de Nossa Senhora das Candeias para Nossa Senhora da Luz. Quatro anos mais tarde, em 16 de maio de 1993, Dom Luciano instituiu aquela comunidade como paróquia.

## Fé que salva

Considerada pelos lafaietenses como uma das festividades mais tradicionais da cidade, no dia 2 de fevereiro de cada ano, peregrinos visitam o Santuário de Nossa Senhora da Luz suplicando por sua intercessão e para participarem das celebrações litúrgicas do dia: Santa Missa, bênção das velas e procissão luminosa.

Mais do que isso, é um amor à Virgem Maria passado de geração a geração, como é o caso do integrante do Coral dos Terços dos Homens, o senhor Osvaldo do Nascimento, que herdou do seu pai, Eduardo, que era um dos festeiros da paróquia, a devoção a Nossa Senhora da Luz. Relatando ter alcançado muitas graças e milagres pela intercessão de Maria, o salmista é enfático: “Nossa Senhora da Luz é tudo em nossas vidas. Tenho Nossa Senhora da Luz como advogada e nossa mãe querida!”, diz.

Assim como o senhor Osvaldo,

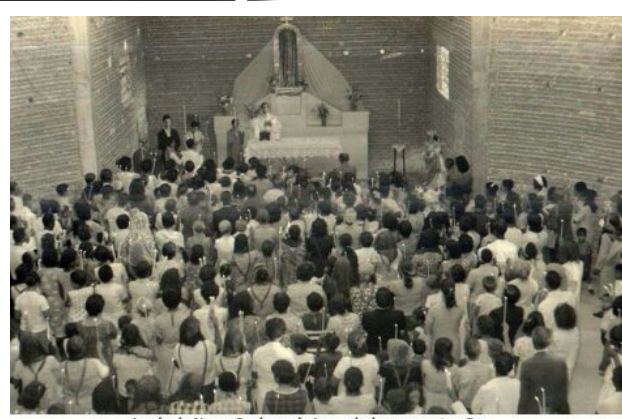
outros paroquianos narram as suas histórias que, por meio da fé e súplicas a Nossa Senhora da Luz receberam infinitas graças, como Gisa Mendonça. Ela conta que o seu pai foi diagnosticado com um aneurisma grau 7 e, desenganado pelos médicos, pediu aos filhos para levá-lo para o sítio e que o deixasse viver o pouco tempo que lhe restava com tranquilidade.

“Entreguei nas mãos de Nossa Senhora da Luz na fé de que íamos conseguir operá-lo. Nunca se ouviu dizer que aqueles que recorrem à sua proteção, imploram por vossa assistência e reclamam por vosso socorro, fossem por vós desamparados. Meu pai fez a cirurgia de crânio aberto, nove dias depois do diagnóstico e deu tudo certo. Foi um sucesso, disse o cirurgião, não houve sequelas, por honra e glória de Nossa Senhora da Luz. Já são 12 anos de testemunho dessa graça alcançada”, conta a devota Gisa.

Como forma de ajudar a perpetuação dessa devoção, a Paróquia Nossa Senhora da Luz está recebendo depoimentos dos paroquianos sobre suas histórias de fé à Virgem Maria. O objetivo é que posteriormente esses testemunhos sejam organizados em um livro contando a história dessa comunidade de fé.



Templo de Nossa Senhora da Luz - 1965 - Solenidade de lançamento da pedra fundamental  
Pe. Antônio José Ferreira



Igreja de Nossa Senhora da Luz - ainda em construção



FOTOS:  
ARQUIVO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ

